

A EXISTÊNCIA EM SAÍDA: O IMPERATIVO DO ÊXODO BÍBLICO E DA AUTOTRASCENDÊNCIA NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR

FRANKL

THE OUTGOING EXISTENCE: THE IMPERATIVE OF THE BIBLICAL EXODUS AND SELF-TRANSCENDENCE IN VIKTOR FRANKL'S LOGOTHERAPY

Breno Silva Martins¹

Resumo: O presente artigo pretende apontar aspectos de comunhão entre a Teologia Bíblica e a Logoterapia de Viktor Frankl sobre a existência humana de contínua “saída-de-si”, ou de “êxodo-de-si”. Longe de querer ferir a autonomia de ambas as ciências, se quer indicar caminhos para que as pessoas tenham vida em abundância e plenitude existencial. Abordar-se-á o fundamento bíblico do êxodo e a importância desse conceito na Teologia. Também serão apresentados os dados empíricos evidenciados e percebidos pela Logoterapia, que indicam um modo de ser da pessoa como autotranscendente e a necessidade de buscar um sentido para a vida. Assimilar-se-ão pontos de intersecção entre a Teologia Bíblica e a psicoterapia logoterápica, pois se percebe que se pode chegar às mesmas conclusões sobre o homem por caminhos diferentes. Espera-se vivamente que tal trabalho possa gerar frutos de desprendimento de si e de responsabilidade diante da vontade de Deus ou diante da vida que

¹ Possui licenciatura em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz (2017) / Faculdade Católica de Anápolis (2023). É Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2022). É especializado em psicologia e Fenomenologia Existencial pela Faculdade de Iguazu (2023) e em Psicanálise Clínica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (2023). Aluno da pós-graduação Em Rota em Análise Existencial e Logoterapia Frankliana. E-mail: breno1686@gmail.com.

clama por realização de sentido. Pois, afinal, cada pessoa individualmente, cedo ou tarde, deve responder para si mesmo “qual é meu dever?” ou “qual é minha missão?” diante de Deus ou da vida que lhe apresenta.

Palavras-Chave: Teologia Bíblica; Logoterapia; “sair-de-si”; Auto Transcendência; Sentido

Abstract: This article intends to point out aspects of communion between Biblical Theology and Viktor Frankl's Logotherapy on the human existence of continuous "out-of-oneself", or "exodus-from-self". Far from wanting to hurt the autonomy of both sciences, we want to point out ways for people to have life in abundance and existential plenitude. The biblical foundation of the exodus and the importance of this concept in theology will be discussed. The empirical data evidenced and perceived by Logotherapy will also be presented, which indicate a way of being of the person as self-transcendent and the need to seek a meaning for life. Points of intersection between Biblical Theology and logotherapy psychotherapy will be assimilated, since it can be seen that the same conclusions have been reached about man by different paths. It is to be hoped that such work can bear fruit of selflessness and responsibility before the will of God or before a life that cries out for the fulfillment of meaning. After all, then, each individual person, sooner or later, must answer to himself, "What is my duty?" or "What is my mission?" before God or the life he presents to him.

Key words: Biblical Theology; Logotherapy; "going out-of-yourself"; Self-Transcendence; Sense

1. INTRODUÇÃO

Conta-nos qual é a tua missão?

(Jonas 1:8 – Bíblia Sagrada)

É de conhecimento geral que tanto a Teologia como a Logoterapia são ciências distintas e cada qual possui seu objeto próprio de pesquisa, tanto formal quanto material. Tal ponto de intersecção e de diferenciação já foram muito bem explorados noutros lugares². A questão que se levanta aqui não é propriamente o aspecto teológico com toda a sua dimensão sistemática e articulada sobre a Economia da Salvação para a humanidade, também não é análise de pesquisa a abertura da Logoterapia a conceitos religiosos. O objetivo da investigação é a possibilidade de uma associação entre os ensinamentos milenares contidos na Escritura Sagrada e os valores existenciais reconhecidos e evidenciados pela Logoterapia.

Levantam-se aqui algumas questões: e se não houvesse contradição entre os ensinamentos propostos na Sagrada Escritura e os valores da Logoterapia? E se, de alguma maneira, ambas as ciências percebessem um valor imutável, universal e indelével presente na existência humana? E se a ciência psicoterapêutica e as verdades religiosas pudessem chegar a um consenso? Acredita-se que, mesmo por vias distintas, as duas ciências, tanto a Logoterapia quanto a Teologia Bíblica, chegaram às mesmas conclusões sobre a análise clara da existência humana da qual não se possa escapar.

² Vale ressaltar que “o senso religioso em suas obras [de Frankl] não decorre somente de uma herança familiar [Frankl era judeu], mas também de um Viktor Frankl cientista-médico. Na vivência de sua vida como estudioso, Frankl compreendeu a força da fé e da crença na realização de sentido na existência humana. A religiosidade, no âmbito da psicoterapia logoterápica, sempre foi de uma valia imensurável, como ele mesmo afirma: “Um efeito colateral análogo é a inestimável contribuição que a religião pode trazer à saúde mental. Afinal, a religião provê o homem uma âncora espiritual, de um sentimento de segurança que ele não poderia encontrar em qualquer outro lugar” (Frankl, 2011, p. 179) [...] Contudo, apesar da perceptível relação entre “ciência e religião”, precisa-se de cautela ao se tratar o tema, pois as duas áreas precisam coexistir harmonicamente, sem macular uma à outra. Para isso, é importante estabelecer uma íntima relação entre ambas. Caso contrário, cairíamos em equívoco semelhante ao constatado por Einstein: “A ciência sem a religião é manca e a religião sem a ciência é cega” (Frankl, 2019, p. 322)” (Martins, 2021).

O objetivo deste trabalho, deste modo, é evidenciar e aproximar a Teologia Bíblica e a Logoterapia de Viktor Frankl nos seus respectivos conceitos centrais do ‘êxodo’ e ‘autotranscendência’, que culminará numa existência em saída ou missionária. Não se tem a vã pretensão de fazer uma exegese bíblica dos textos que serão apresentados e, menos ainda, se quer redigir um tratado sobre Logoterapia, seus fundamentos e princípios. Tais problemáticas já foram discutidas³. A intenção é mostrar que mesmo por vias diferentes pode-se chegar a mesma conclusão sobre o homem, isto é, que a Sagrada Escritura, há mais de dois mil anos, já revelara verdades sobre a realidade ontológica e psicoterapêutica do homem que Viktor Frankl reconheceu e defendeu através da Logoterapia.

É imperativo compreender que não se quer invalidar o discurso logoterapêutico e muito menos colocá-lo debaixo de um prisma religioso-bíblico. O intuito é reconhecer a honestidade intelectual da Logoterapia que foi capaz de, por uma reta argumentação, reconhecer valores inerentes, universais, imutáveis e inegociáveis da existência humana.

O trabalho foi escrito em três capítulos. O primeiro tratar-se-á do fundamento bíblico do êxodo e de como esse conceito é importante e fundamental na teologia. No segundo, explanar-se-ão os dados empíricos recolhidos pela Logoterapia e de como esses dados apontam para uma existência de autotranscendência e de “saída-de-si” para responder aos sentidos contidos na vida. O terceiro e último capítulo aproximar-se-á, se possível for, a teologia bíblica da psicoterapia logoterapêutica a fim de lançar luzes sobre a existência humana e apontar caminhos de vida plena e de realização existencial.

As análises realizadas são de cunho teórico-bibliográfico das obras de Viktor Frankl, da Sagrada Escritura e de obras teológicas e filosóficas. O método utilizado foi hipotético-dedutivo a fim de que, quem lê tais leituras, possa chegar, por meio da *reto ratio*, às mesmas conclusões. Espera-se vivamente que tal trabalho possa gerar frutos de desprendimento de si e

³ Martins (2024).

de responsabilidade diante da vontade de Deus ou diante da vida que clama por realização de sentido.

2. O ÊXODO NA HISTÓRIA BÍBLICA

A história bíblica, ao contrário do que muitos imaginam, não segue um percurso linear, estável ou marcado por tranquilidade e constância. Seu itinerário é profundamente distinto. Se fosse possível sintetizar a essência bíblica em uma expressão ou palavra, certamente seria “sair de si” ou “êxodo” (Vaticano, 2013). Essa ideia se aplica tanto ao dinamismo interior da psicologia humana quanto ao aspecto histórico, físico.

A verdade é que a própria revelação de Deus no seio da Trindade, tanto na Sagrada Escritura quanto na Sagrada Tradição, se impõe mediante uma ‘saída’⁴ da Trindade Imanente para Trindade Econômica⁵ (Ladaria, 1998, p. 37), a este respeito, diz Ladaria “O ensinamento bíblico do Deus amor [...] mostra-nos que a perfeição divina não se vive no modo de fechamento ou isolamento, mas na doação no amor” (Ladaria, 1998, p. 369).

A própria concepção do universo, de tudo que existe no tempo e no espaço, é um transbordar da relação trinitária que ‘saiu-de-si’ num ‘ato de êxodo’ de doação de si que resultou na criação do mundo e de tudo que existiu, existe e existirá. Não é o fechamento de si, é exatamente o contrário, é a abertura de si, é o “sair-de-si”, a doação de si, é uma realidade para fora de si. É a missão da criação, da redenção e da santificação de Deus ao homem num ato de ‘saída-de-si’-*kenosis*-, como bem expressa São Paulo: “Embora fosse de

⁴ É sempre difícil falar de realidades que estão fora das concepções de tempo e espaço usando termos temporais. Esbarra-se aqui na limitação da linguagem. Falar do ‘sair-de-si’ em Deus é um problema teológico. A diferença entre ser e ente em Deus é um problema filosófico. Só ele é, no sentido ontológico, tudo que existe participa do ser de Deus (Aquino 2013). Essa problemática não objeto de pesquisa neste texto.

⁵ Trindade Imanente é aquela realidade de Deus Uno e Trino que está fora do espaço e tempo, fora do alcance intelectual e mensurável do homem. A Trindade Econômica é aquilo que se sabe da Trindade Imanente por revelação de Deus ao mundo em Jesus Cristo.

divina condição, Cristo Jesus não se apegou ciosamente a ser igual em natureza a Deus Pai. Porém, esvaziou-se de sua glória e assumiu a condição de um escravo, fazendo-se aos homens semelhante” (Filipenses, 2,6-8 – Bíblia de Jerusalém).

Essa realidade bíblica de ‘sair-de-si’, de êxodo, que começa em Deus e se estende por toda a história bíblica, é extremamente evidente. A começar por Deus mesmo que, no ato de amor, se abre para a criação de Adão e de Eva (Gênesis, 1-2 – Bíblia de Jerusalém). Depois, os primeiros pais da humanidade, num ato experiencial de conhecer-se, ao *entregar-se mutuamente um ao outro*⁶, concebem Caim e Abel (Gênesis, 3 – Bíblia de Jerusalém), pois é na “entrega-de-si” no matrimônio que a humanidade continua a obra criadora de Deus (Igreja Católica, 1997).

Também Abraão que foi chamado por Deus para *sair* de sua terra: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei” (Gênesis, 12 – Bíblia de Jerusalém). A história do maior rei de Israel, Davi, não é diferente. Deus envia Samuel à casa de Jessé “porque vi entre os seus filhos o rei que eu quero” (Samuel, 1, 16 – Bíblia de Jerusalém). Deus escolhe dentre todos os filhos de Jessé o mais improvável e o consagra rei de Israel. Para isso, Deus o fez *sair* de sua casa, do meio de seus irmãos. Davi deixou o pai Jessé.

O *modus operandi* do Senhor Deus não muda no decurso da história bíblica. Moisés do Egito é um exemplo disso. Ele se encontrava bem como o filho adotivo da irmã do Faraó. Mas Deus o chama, o inquieta e o pede algo: “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito, ouvi seu grito por causa dos seus opressores [...]. *Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas*” (Êxodo, 3,7ss – Bíblia de Jerusalém. Grifo do autor). Moisés “saiu-de-si” para obedecer à vontade de Deus, que foi rejeitada por ele a princípio. Depois que o povo foi liberado da escravidão, o seu êxodo durou quarenta anos no

⁶ Wojtyła (2021).

deserto, isto é, o processo de sair do Egito e entrar na Terra Prometida significou uma longa caminhada de ‘saída’(Deuteronômio, Bíblia de Jerusalém).

Conseguir-se-ia relatar uma infinidade de páginas para justificar os numerosos casos de êxodo na história bíblica tanto no Antigo Testamento quanto do Novo Testamento⁷. A questão fundamental a se ratificar com clareza é a maneira “Kenótica”, de saída, de êxodo, que Deus escolheu para agir na história tanto no âmbito universal quanto no particular.

Existe assim uma dinâmica na economia da salvação importante de se notar: O agir e o saber de Deus para o homem se dá, não somente no âmbito físico/histórico- ‘sai de sua terra’; ‘os meus caminhos estão acima dos vossos caminhos’(Isaías, 55 – Bíblia de Jerusalém); ‘eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo’(Êxodo, 3 – Bíblia de Jerusalém); - mas, também no campo existencial/psicológico – ‘meus pensamentos estão acima dos vossos pensamentos’(Isaías, 55 – Bíblia de Jerusalém); ‘pescamos a noite toda, mas por tua palavra lançarei as redes (Lucas 5,5)’; ‘o amor de Deus me constrange (Corintios, 2,14 – Bíblia de Jerusalém)’.

Isso acontece porque Deus assumiu a humanidade. O “Verbo se fez carne significa que a Palavra Divina se fez palavra humana: o Filho de Deus se apropriou da capacidade de auto revelação implantada na espiritualidade-corporeidade humana” (Forte, 1995, p. 116). Agora, em Jesus, Palavra de Deus ecoada no tempo e na história, o homem tem acesso à Vontade de Deus e ao Seu plano de amor e de salvação. Essa Palavra também alcança o homem e o inquieta: “Não ardia nosso coração enquanto ele falava?” (Lucas, 24,3,1 – Bíblia).

⁷ Oseias que se casa com uma prostituta e tem que perdoá-la por suas traições (Oseias 1-2, Bíblia); Elias que tem que continuar a grande caminhada mesmo não querendo (I Rs 19,7); Mateus que abandona sua coletoria de impostos e vai traz de Jesus (Mateus 9,9ss – Bíblia); Maria que vai à região montanhosa para visitar Isabel mesmo estando grávida (Lucas 1,39 - Bíblia); o Verbo eterno de Deus que se fez carne habitando entre nós (João 1 – Bíblia) Paulo que abandona o ofício em Damasco porque encontrou uma Luz, ou foi encontrado por ela (Atos dos Apóstolos, 22,6ss – Bíblia).

Em suma, por um lado, existe uma Vontade Divina, manifestada em Cristo Jesus em palavras, obras e gestos, que é objetiva, real e concreta - Deus que “saiu-de-si” e dá a conhecer o mistério de Seu plano e Sua vontade (Efésios 1,9 – Bíblia de Jerusalém). E, por outro lado, existe a subjetividade humana, com sua livre vontade e consciência, que é atraída para a verdade de seu ser, que é estar em comunhão com seu Criador. “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir” (Jeremias, 20,7 – Bíblia de Jerusalém).

A exigência do ‘sair-de-si’ de Deus, que Ele mesmo se impôs⁸, é para encontrar, abraçar e redimir o homem. A exigência do “sair-de-si” do homem é para se deixar encontrar, ser abraçado e redimido por Deus. Pois, “o principal efeito do amor é unir a vontade daqueles que se amam de maneira, que se torne uma e a mesma vontade” (Santo Afonso, 1913, p.3). Aos que acolhem a objetividade dos mandamentos e da palavra de Deus na vida têm a subjetividade preenchida pelo Transcendente: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e *viremos para ele e faremos nele morada*” (João, 14, 23 – Bíblia de Jerusalém. Grifo do autor).

Nesse sentido, o que toca de importante na argumentação do trabalho é a afirmação de que a exigência de se “deixar-se” na tradição bíblica não é algo periférico, contingente ou secundário, mas é uma realidade necessária, primária e essencial. É preciso passar pelo processo do êxodo existencial para entrar na vontade de Deus. Para caminhar com o Senhor, é preciso deixar-se, como ensina a Sagrada Escritura: “Se alguém deseja seguir-me, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mateus 16, 24 – Bíblia de Jerusalém)⁹.

⁸ Pois Ele, “Não pode negar-se a si mesmo” (Segunda Carta de Paulo a Timóteo, 2 – Bíblia de Jerusalém).

⁹ Negar-se (sair-de-si/ êxodo-de-si) na tradição cristã não é anular a humanidade, como pensam muitos autores infundados teoricamente e incapazes de perceber a amplitude da natureza humana. Negar-se na tradição cristã é deixar que Deus, em Cristo Jesus, revele o homem ao próprio homem e lhe mostre sua vocação mais excelsa e mais sublime (Gênesis, 22 – Bíblia de Jerusalém). É deixar que Ele (Cristo) mostre o caminho a seguir. É ser verdadeiramente humano como Cristo o foi [e continua sendo].

Essa realidade, embora paradoxal, contudo, substancial, é importante para o desenvolvimento do decurso argumentativo do presente artigo. Para exemplificar de maneira mais palpável e precisa, deter-se-á sobre a pequenina e valorosa história de Jonas e sua missão em Nínive¹⁰ que apresenta de maneira clara a exigência do sair-de-si bíblico tanto no aspecto interno quanto externo do dinamismo antropológico. Para tanto se abordará três aspectos teológicos: 1) *A vontade de Deus que é exterior a Jonas*; 2) *O sofrimento que gera conversão de Jonas* e 3) *A obediência que gera vida*.

2.1 O exemplo de Jonas: A Vontade de Deus, o Sofrimento e a Obediência.

O pequenino livreto de Jonas contém somente quatro capítulos e faz parte da grande biblioteca Sagrada de 73 livros¹¹. Mas, se engana quem pensa que é igualmente pequena a sua lição para a existência. Embora o livro seja enumerado entre os doze profetas menores, definitivamente, ele não o é (Harrington, 1996, p. 387). Todo caso, sua historicidade não se faz relevante¹², *hic hoc*, mas sua “motivação fundamental é teológica” (Jerônimo, 2007, p. 1140) e seu ensinamento vivencial é o alvo desejado para a reflexão.

A história de Jonas começa corriqueiramente como qualquer outra história bíblica vocacional: Deus que o chama, existencialmente o desestabiliza e pede-lhe um êxodo. Deus ‘precisa’ que Jonas saia de si a fim de que ele anuncie a Sua Palavra para que o povo de Nínive, assim é a passagem bíblica: “A palavra de Iahweh foi dirigida a Jonas, filho de Amati: Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia contra ela que a sua maldade chegou até

¹⁰ Poderia ser qualquer outro episódio, história, ou personalidade bíblica, já que, como já evidenciado, a ‘alma’ da Sagrada Escritura tem uma forte tonalidade de desestabilização existencial a ponto de sempre propor um ‘deixar-se’, ‘sair-de-si’ para entrar numa Vontade maior e superior que está presente no mundo.

¹¹ Segundo o Cânon Romano Católico.

¹² “Mas fica claro que o autor não intenciona apresentar uma abordagem histórica. Os assuntos com os quais ele lida de início, a misericórdia e a justiça de Deus - como também os óbvios exageros que o livro contém - indicam que ele tem outros objetivos em mente. Assim, a crítica da obra abandonou prontamente a tentativa de tratar o livro de forma histórica” (Jerônimo, 2007, p. 1140).

mim” (Jonas, 1, 1-2 – Bíblia de Jerusalém). Contudo, Jonas não consegue fazer o movimento de desprendimento da própria vontade e “levantou-se para fugir para Társsis, para longe da face de Iahweh. Ele desceu a Jope e encontrou um navio que ia para Társsis, pagou a passagem e embarcou para ir com eles para Társsis, para longe da face de Iahweh” (Jonas, 1,3 – Bíblia de Jerusalém). Evidencia-se aqui o aspecto *da vontade de Deus real e concreta: ‘Levanta-te, vai à Níville’ (1)*.

Na fuga de sua missão Jonas coloca em perigo sua vida e a de todos aqueles que viajavam no mesmo barco, pois

“houve no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de naufragar” (1,4).

Diante da tempestade e da eminência da morte, sabendo Jonas *que ele era a causa dos sofrimentos e males de todos* “Ele lhes disse: “Tomai-me e lançai-me ao mar e o mar se acalmará em torno de vós, porque eu sei que é por minha causa que esta grande tempestade se levantou contra vós [...] E tomaram Jonas e o lançaram ao mar e o mar cessou o seu furor [...] E Iahweh determinou que surgisse um peixe grande para engolir Jonas. Jonas permaneceu nas entranhas do peixe três dias e três noites. Então orou Jonas a Iahweh. (1,12. 15. 2,1-2. Grifo do autor).

Aparece aqui o aspecto do *sofrimento que gera conversão de Jonas (2)*. A consequência de não responder ao chamado de Deus quase lhe causou a morte e a morte daqueles que estão à sua volta. Jonas percebe que a fonte dos sofrimentos presentes advinha dele mesmo: “sei que é por minha causa que esta grande tempestade se levantou contra vós”. Destarte, assumir a responsabilidade dos atos e, por conseguinte, assumir o sofrimento que aparece na existência fez com que se abrisse para Jonas uma nova possibilidade de diálogo

com Deus e do comprimento de Sua vontade. Desse modo, a palavra do Senhor foi dirigida a Jonas uma segunda vez:

"Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia-lhe a mensagem que eu te disser". Jonas levantou-se e foi a Nínive. [...] Jonas entrou na cidade e a percorreu durante um dia. Pregou então, dizendo: "Ainda quarenta dias, e Nínive será destruída". Os homens de Nínive creram em Deus, convocaram um jejum e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até o menor. [...] E Deus viu as suas obras: que eles se converteram de seu caminho perverso, e Deus arrependeu-se do mal que ameaçara fazer-lhes e não fez. (3, 1-2. 4-5. 10).

A realização da missão dada se desabrocha em vida. Aqui se tem o aspecto da *obediência que gera vida* (3). A conformação da vontade do profeta com a Vontade Divina não terminou com a destruição total de Nínive¹³, mas em vida plena para todos (João, 10 – Bíblia de Jerusalém). A obediência do deixar-se, do 'sair-de-si' para fazer aquilo que precisa ser feito faz com que a vida transborde na existência.

Voltar-se-á nesses três aspectos teológicos: 1) *A vontade de Deus que é exterior a Jonas*; 2) *O sofrimento que gera conversão de Jonas* e 3) *A obediência que gera vida*. Mas antes de prosseguir a reflexão teológica, analisar-se-ão as verdades humanas percebidas na empiricidade¹⁴ da vida por outra ótica, isto é, pelo prisma da Logoterapia. Ver-se-á se a terceira via de psicoterapia de Vienna.

¹³ Que era imensa, segundo o relato bíblico, pois para atravessa-la se gastava três dias. É importante dizer que a "cidade representa a epítome da desumanidade no mundo antigo (cf. Na 2,12-14; 3,1-4,19; Zc 2,13-15; Judite 1,1; Tb 14,4.15). O relato da "perversidade" de Nínive que chegou até Deus (compare Gênesis 18,20-21) é mais tarde (3,8) especificado como "violência, injustiça" (hããs), um termo frequentemente usado pelos profetas para denunciar a opressão e a negligência arbitrária da justiça e dos direitos do próximo" (Jerônimo, 2007, p.1142).

¹⁴ Dizem que a expressão empírica não é adequada ao falar de logoterapia, visto que ela é uma abordagem fenomenológica e não da teoria da evidência. Há de se discordar veementemente, visto que a logoterapia é fruto

3. O ÊXODO COMO AUTOTRASCEDÊNCIA: O ‘SAIR-DE-SI’ PARA RESPONDER A UM SENTIDO.

Viktor Frankl fundou a terceira escola de psicoterapia de Viena, denominada de Logoterapia. Tal sistema de pensamento do século XX foi precedido pela psicologia individual de Adler e pela psicanálise de Freud (Frankl, 1989b, p. 15). A psicoterapia através do sentido, ou do significado, a Logoterapia, baseia-se na premissa empírica antropológica de que a estrutura humana é composta, não somente por uma realidade psicossomática, mas por uma realidade ‘bio-psico-espiritual’ (Frankl, 1992, p. 21), isto é, a Logoterapia destitui o homem da dimensão dual – corpo e psiqué- e o inseri numa realidade tridimensional- corpo, mente e espírito¹⁵, como ensina Frankl: “O homem é mais que o simples corpo, e alma; vimos que ela representa, no fim das contas, o espiritual. O homem é mais do que o organismo psicofísico: é pessoa espiritual” (Frankl, 2019, p. 231).

A dimensão noológica é de fundamental importância no sistema de pensamento do neurologista de Viena. Ela pode ser definida como “o modo de ser da pessoa que, dinamicamente, tende ao sentido (realidade objetiva), capacitando-a potencialmente a uma liberdade em face da existência (realidade subjetiva)” (Martins, 2021, p. 40). Em outras palavras, a dimensão espiritual é aquela capacidade humana que torna a pessoa potencialmente capaz de *reconhecer* o sentido nas situações vivenciais da vida e de *realizá-lo* através de atos concretos na existência.

da experiência de Frankl que resulta num saber, num conhecer sobre o homem. Ele se apoia nas experiências vividas e se apoia nelas. Ver nota 19. Resultados clínicos frutos da observação da realidade.

¹⁵ Espiritual aqui não é no sentido religioso ou teológico, mas é uma faculdade humana, também conhecida nas obras de Frankl como dimensão **noológica**.

Sendo assim, o homem é lançado no mundo¹⁶ rumo a realização de algo. A faculdade do Espírito deixa o homem livre e responsável para responder aos apelos da existência: “Nessa qualidade, é livre e responsável, livre “do” psicofísico e “para” a realização de valores e o preenchimento do sentido de sua existência. É um ser que luta para realizar valores e preencher o sentido da vida” (Frankl, 2019, p. 231).

Isso significa dizer que a dimensão espiritual designa aquela aptidão humana que permite o homem ‘sair-de-si’ para responder livremente à existência que clama por realização de sentido. Ou seja, a capacidade de *autotranscendência*¹⁷ ou de ‘êxodo de si’ frente a uma realidade concreta a se realizar. Isso é uma característica impreterivelmente humana dada pela dimensão espiritual. Sobre isso diz Frankl:

O homem é representado no plano biológico como um sistema fechado de reflexos fisiológicos, e no plano psicológico como um sistema fechado de reações psicológicas. Mais uma vez, portanto, a projeção tem por resultado uma oposição. Mas, porque pertence à essência do homem o ser ele, em todo caso, aberto, o ser "aberto ao mundo" (Scheler, Gehlen e Portmann), - ser homem significa, já de si, ser para além de si mesmo. A essência da existência humana, diria eu, radica na sua autotranscendência.

Ser homem significa, de per si e sempre, dirigir-se e ordenar-se a algo ou a alguém:

entregar-se o homem a uma obra a que se dedica, a um homem que ama, ou a Deus, a

¹⁶ Lembrando aqui de Heidegger e sua influência na Logoterapia de Frankl: “Desesperado só fica quem idolatrou algo, preferiu uma coisa a todas as demais. Pode-se, sim, colocar uma coisa acima de tudo, desde que essa coisa seja a missão de se manter firme na vida em quaisquer circunstâncias. A vida: nela há de se incluir a falta de sorte no amor, o celibato, a ausência de filhos e até o perigo de enlouquecer. A missão é sairmos vitoriosos na existência em que, segundo Heidegger, fomos "lançados", ou que, de acordo com Jaspers, recebemos "de presente" pela transcendência. Sairmos vitoriosos por meio do leal saber e do entendimento de cada um. A aceitação de tal missão é o único fator capaz de nos imunizar - não contra o infortúnio amoroso, a esterilidade, a psicose, etc., etc., mas contra o desespero (Frankl, 2019, p. 329)

¹⁷ É extremamente importante compreender que este conceito, em hipótese nenhuma, diz respeito a concepções filosóficas voluntaristas ou sistemas de teológicos de cunho neopelagiano. Aqui o termo não designa aquela capacidade interna do próprio homem elevar-se, ou evoluir-se por si mesmo, mas uma faculdade do espírito de distanciar-se; o termo autotranscendência, sem medo algum, pode ser usado como sinônimo de autodistanciamento na teoria frankliana.

quem serve. Esta *autotranscendência* quebra os quadros de todas as imagens do homem que, no sentido de algum (Frankl, 1989b, p. 45. Grifo do autor).

Tal realidade ontológica de autotranscendência é tão eminentemente humano de modo a caracterizá-los como que atos verdadeiramente humanos. Isso o difere dos atos dos outros animais. Exemplo disso são os animais que não podem fugir das suas determinações naturais próprias do eu ser. O leão não pode escolher não se acasalar, mas ao contrário, é movido e é refém dos instintos. O leão é *'alienantemente'* produto de seu meio, por possuir uma estrutura de existência material (corpo e alma), não é capaz de *'sair-de-si'* para ir contra essa estrutura material em prol de um bem, de uma verdade ou de um sentido, o objetivo é satisfazer o instinto. Esse mundo fenomênico dos atos humanos espirituais, ou atos de autotranscendência, foge do mundo epistemológico/hermenêutico dos animais e, por conseguinte, de sua natureza própria (Frankl, 2019, p. 63).

Diferente é o homem que, possuindo não só a dimensão material da existência (alma-corpo), mas também a dimensão espiritual, é capaz de *'sair-de-si'* e *'contrariar'* até mesmo a materialidade da estrutura antropológica em prol de um bem a ser feito ou em vista de um sentido a ser executado. A pessoa humana pode livremente escolher abrir mão de uma relação matrimonial (acasalamento) em prol de um bem maior a ser realizado. O homem não é produto do instinto, mas é capaz de auto transcender-se a fim de realizar um sentido. Exemplo disso é um sacerdote que abraça a vida celibatária em vista da dedicação total, plena, fecunda e fiel do anúncio do evangelho para cuidar das pessoas necessitadas e frágeis¹⁸.

¹⁸ Existem muitos exemplos de pessoas que encontraram sentido na vida mesmo em situações aparentemente sem sentido. Se considerar uma perspectiva psicossomática, inicialmente essas situações poderiam não ter significado algum.: “A enfermeira desenganada” (Frankl, 1992, p. 72); “O médico com seu pai, um enfermo terminal” (Frankl, 1989, p. 15); “A médica que perdeu o amigo” (Frankl, 1992, p. 71); “A Freira depressiva que pensava em suicídio” (Frankl, 1989b, p. 273-4); “O alcoólatra surdo” (Frankl, 2015, p. 16); ou “Os heróis que morreram com fé” (Frankl, 1992, p. 28)”. Poderia citar um pai de família comum que suporta exaustivos períodos de trabalho pesado para cuidar, zelar e proteger sua família, ele *'sai-de-si'* para cumprir o dever que lhe cabe pelo ofício de ser esposo e pai.

O que se quer evidenciar aqui é a força da dimensão espiritual que se sobrepõe à realidade material da existência humana. Ela potencializa o homem no ato de ‘sair-de-si’ não pensando em si mesmo, mas pensando no sentido a ser realizado. Essa constatação empírica logoterapêutica da autotranscendência na existência humana não é periférico mais basilar essencial (Frankl, 2011, p. 200).

3.1 O pedido da vida; o vazio existencial e o paradoxo da existência.

Compreendida sumariamente as bases logoterapêutica sobre a dimensão espiritual, é salutar evidenciar três aspectos da Logoterapia que os testes, as estatísticas e os experimentos diagnosticaram na existência humana¹⁹.

O primeiro aspecto da existência é o princípio da exigência da vida. A vida factual do homem inevitavelmente lhe pede algo. O mundo exterior ao sujeito clama por realização de sentido visto que: “não é o homem quem faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas, ao contrário, o próprio homem é o interrogado é ele quem deve responder, que deve dar respostas às eventuais perguntas que sua vida possa colocar” (Frankl, 1992, p, 15).

Por isso, nessa posição existencial de responsabilidade, o homem é livre para responder, ser responsável - a raiz da palavra é a mesma - pelos apelos da vida. Aqui se encontra o caráter de resposta à existência. “Tentamos então mostrar o caráter de dever ou missão” (Frankl, 1992, p, 15) que executa algo exigido do exterior, responde ao chamado da missão. Existe uma faculdade interna, uma capacidade antropológica que impede o homem a

¹⁹ “Até agora, dispomos dos dez testes logoterapêuticos de autoria de Walter Bockmann, James C. Crumbaugh, Bernard Dansart, Bruno Giorgi, Ruth Hablas, R. R. Hutzell, Gerald Kovacic, Elisabeth S. Lukas, Leonard T. Maholick e Patricia L. Starck. [...] No que diz respeito às estatísticas, podemos indicar os resultados das pesquisas conduzidas por Brown, Casciani, Crumbaugh, Dansart, Durlak, Kratochvil, Lukas, Lunceford, Mason, Meier, Murphy, Planova, Popielski, Richmond, Roberts, Ruch, Sallee, Smith, Yarnell e Young. [...] Quanto aos experimentos, L. Solyom, F. Garza Perez, B. L. Ledwige e C. Solyom foram os primeiros a oferecer evidência experimental de que a técnica logoterapêutica da intenção paradoxal é eficaz” (Frankl, 2011, p. 198-9).

autotranscendência (dimensão espiritual), porque do mesmo modo, existe uma apelo da existência para que o homem realize algo no exterior por meio de atos concretos. Não é o mundo que deve algo ao homem, mas é o homem que deve algo ao mundo.

O segundo aspecto da existência é diagnóstico psicoterapêutico do Vazio Existencial. Há um imperativo de que o homem, numa existência de autotranscendência e missionária²⁰, responda aos apelos da vida por sentido, como se mostrou acima. Tal atitude vivencial é tão fundamental e essencial na estrutura e na natureza antropológica do homem que a não *'assumência'* dessa realidade causa no homem a grande neurose do vazio existencial. Essa neurose do século designa o adoecimento da existência de alguém que carece de sentido. Frankl escutava de um jovem estudante americano: “Tenho 22 anos, tenho uma formação Universitária, tenho um carro de luxo, usufruo de uma completa independência financeira e tenho a minha disposição mais sexo e prestígio do que sou capaz de suportar, mas o que me pergunto é *qual o sentido de tudo isso*” (Frankl 2015, p. 28. Grifo do autor)²¹.

O que move existencialmente a pessoa humana não é o prazer, como pensava Freud (Jolibert, 2010); também não é a busca do poder por força do complexo de inferioridade, como pensava Adler (Adler, 1945), a força motriz da pessoa humana é o sentido da vida e na falta desse nada vale ter o poder e o prazer.

O terceiro aspecto de existência é a presença de sentido em todas e quaisquer situações da vida²². Buscar realizar o sentido na existência em todas as circunstâncias da vida numa atitude existencial de autotranscendência e de dever com a realidade causa no homem uma plenitude

²⁰ O termo “missionário” não é usado por Frankl, ele usa o termo “missão”. Contudo, por analogia, pode-se dizer que quem se assume e lança-se na existência a fim de encontrar um sentido este sim é um missionário. Ou seja, a pessoa que é enviada para a vida, para a factidade da existência.

²¹No livro "Sentido Para a Vida" (1989a, p.14), Frankl relata sobre um grupo de 60 jovens universitários que, infelizmente, tentaram o suicídio em uma universidade nos Estados Unidos. Após serem questionados sobre o motivo de suas ações, 85% dos jovens expressaram a sensação de que “a vida parecia sem sentido”. O aspecto mais intrigante é que 93% desses jovens que enfrentaram o vazio de sentido na vida “eram ativamente participantes no plano social, tinham boa situação acadêmica e tinham um bom relacionamento com todos da família”.

²²O princípio Logoterapêutico de “sentida na vida”.

existencial, uma plena realização e uma vida reconciliada e feliz. Kant é venturoso quando diz “que a felicidade é a consequência do cumprimento do dever”. Note-se bem que o objetivo não é ser feliz, realizado, ou completo existencialmente, mas é responder aos apelos da vida por sentido, cumprir o dever, acolher a missão num espírito de autotranscendência.

O resultado dessas ações é o indivíduo feliz, completo e realizado. Uma vida completa, realizada e feliz é consequência, fruto, de uma resposta diante do sentido da vida, mas para isso é preciso deixar-se, “sair-de-si”. Há o famoso exemplo da mulher judia que perdeu seus nove filhos na câmara de gás na Segunda Guerra Mundial e, quando ela foi interrogada sobre como ela consegue viver com essa tragédia, ela tranquilamente responde: “Assumi a direção de um orfanato em Israel” (Frankl, 1992, p. 81). Quanto mais se “sai-de-si” existencialmente para responder algo na vida, mais feliz se é. Kierkegaard “tem toda a razão quando sustenta que a porta da felicidade se abre para fora e se fecha para quem intenta ‘arrombá-la’” (Frankl, 1990, p. 8)²³.

Viu-se, no primeiro capítulo, sobre êxodo-de-si na teologia bíblica e suas especificidades, como a ‘objetividade da Vontade Divina diante do homem’, ‘a conversão diante do sofrimento’ e a ‘obediência a Deus que gera vida’. Por outro lado, também se

²³Realidade completamente diferente e até contraditória que se ensina e promove hoje. Pondé, brilhantemente comenta dizendo: “Essa questão é de profunda importância, pois hoje habitamos um mundo submetido à tirania do “direito à do imperativo categórico *be happy* [Ser Feliz]. Da idéia revolucionária norte-americana do felicidade” passou-se a uma espécie de teoria antropológica *cachée* nas psicologias práticas - c nos movimentos sociais que visam a transformação-, nas quais parece haver uma “crença” na evidência de que a felicidade é de fato um “atributo ontológico” do homem. Para além do fato de autores como Santo Agostinho e Freud - para tomar exemplos de pensadores distantes em paradigmas e fontes - trabalharem com a idéia de que a busca da felicidade e do prazer é parte constitutiva da natureza humana - e mesmo outras correntes como a epicurista, o que parece caracterizar o “hedonismo” contemporâneo é a perda da consciência de que a busca de felicidade e prazer sempre foi vista como um problema da natureza humana, com o qual o homem seria obrigado a lidar, mitigar, combater, e algumas vezes satisfazer. No modelo atual, a “evidencia” de que o homem nasceu para ser feliz e de que ele deseja isso é tomada como solução, e não como um campo de problemas. Evidentemente uma sociedade baseada no ato do consumo como ontologia e psicologia da felicidade é obrigada a “produzir” uma antropologia simétrica às suas necessidades. Um homem que não seja evidentemente convencido de que nasceu para ser feliz (consumindo bens materiais e serviços) e realizar seus desejos pode não apresentar os “atributos ontológicos” necessários para viver nessa sociedade e no futuro, cremos, em nenhuma sociedade (Pondé, 2001, p. 227).

ponderou na ciência logoterapêutica a autotranscendência como uma realidade existencial de autodistanciamento que é expressão do espírito. Percebeu-se assim aspectos importantes da vida como: ‘a exigência da vida que pede algo’, ‘o vazio existencial como consequência da negligência aos pedidos da vida por sentido’ e que “responder à existência da vida por sentido torna o homem feliz e realizado por consequência”. Agora, portanto, parece salutar, respeitando as devidas diferenças e identidades, fazer uma justa aproximação.

4. A EXISTÊNCIA EM SAÍDA OU A VIDA EM MISSÃO: PONTOS DE INTERSECÇÃO ENTRE A TEOLOGIA BÍBLICA E A LOGOTERAPIA.

É interessante notar que, muitas vezes, as pessoas são ensinadas a pensar que existe uma autonomia total e absoluta para agir, pensar e viver. Ou que o sujeito determina suas ações e que a realidade deve se adequar a ele, como se ele fosse o centro hermenêutico e epistemológico do universo. Não é raro também encontrar pessoas que acreditam que fazer o que se quer, numa atitude confortável, segura, irresponsável e intimista, pode trazer realização pessoal e completude existencial. Os discentes de tais bases e pressupostos de pensamentos existenciais acima mencionados são, “de todos os homens, os mais dignos de compaixão” (Coríntios, 1, 15,19 – Bíblia de Jerusalém), pois não passa de ilusão e de miopia severa sobre a maneira de perceber o mundo, o homem e a realidade.

Sendo assim, é plausível a razão de que exista uma vontade que rege o universo do qual o homem é livre plenamente enquanto ele obedece a uma vontade e se adequa a ela. Lembre-se de Jonas, já falado anteriormente. Existia uma vontade clara e objetiva de Deus: “levanta-te, vai Nínive” (Jonas, 1,1 – Bíblia de Jerusalém). Há um motivo para a existência de cada pessoa.

No mistério da vocação, Deus já pensou numa missão, numa vida e num projeto de amor e salvação para cada pessoa particularmente desde o ventre materno: “Antes mesmo de te formar no ventre materno, Eu te escolhi; antes que viesses ao mundo, Eu te separei e te designei para a missão” (Jeremias, 1,5 – Bíblia de Jerusalém). Existe projeto divino para cada pessoa e se adequar a ele, não é ser alienado como pensam alguns, mas é ser livre para se doar no ato de amor.

Também é igualmente plausível a razão, pela força dos dados empíricos, que exista uma exigência objetiva e real diante da subjetividade humana na Logoterapia. A vida exige algo do homem. A vida interroga-o e o conclama a ações. Isto é objetivo. O homem recebe da existência um convite para que realize, na vida, um sentido que é encontrado e jamais produzido (Frankl, 1990, p.18). O sentido a se realizar está na realidade, é exterior ao homem e ele se adequa a isso, gostando ou não. Aqui, as duas ciências- Teológica e Logoterápica- pressupõem o mesmo fundamento: *Algo (Lei normativa) objetivo exterior ao homem que o precede nas suas escolhas e decisões*²⁴.

Negligenciar essa premissa existencial normativa de uma realidade objetiva diante da existência humana que independe de sua vontade subjetiva faz com que a estrutura mesmo do homem seja prejudicada. A existência fica lesionada. Na teologia, essa lesão é chamada de pecado que gera a morte. Na Logoterapia, agir não buscando responder os apelos da vida por sentido, geram um vazio existencial.

O preferir a si mesmo e não a obediência a Deus e seus preceitos gera sofrimento e morte na natureza humana. Pegar-se-á o personagem teológico escolhido²⁵. Jonas, que, num ato egoísta de decidir por si mesmo como agir diante da vontade de Deus, quase causa a sua

²⁴ Contrariando assim a visão cartesiana de que o homem, através de um método adequado (*Mathesis universalis*), pudesse abarcar, dominar e apreender toda a natureza por meio da capacidade racional (Descartes, 1987, p. 46). Com a queda do teocentrismo, o antropocentrismo tornou-se a referência do pensar e agir do homem moderno, contudo, esta última não se mostrou promissora e também desmoronou. O homem não é o centro do universo.

²⁵ Poderia ser muitos outros: Adão, Caím, Judas, Pedro, Davi, Salomão etc.

morte e a de seus companheiros de viagem. Deus não é a causa e do sofrimento, mas as escolhas distintas do bem e da Verdade têm como salário a morte (Romanos, 6, 23 – Bíblia de Jerusalém).

O mesmo acontece no aspecto logoterapêutico. O não *satisfaz a sede ontológica de realização de sentido na existência* pode causar uma apatia vivencial. Em outras palavras, o sujeito que não escuta o imperativo antropológico que o impele a ir além de si mesmo por causa de um valor, de um sentido ou por algo a se realizar tem como consequência uma alma indiferente, uma existência gélida e sem cor, “como se a vida não tivesse sentido” (Frankl, 1989a). A busca egoísta por prazer ou pelo poder não completa o homem existencialmente, porém a recompensa desse *modus operandi* egocêntrico é o vazio existencial, um interior carcomido e oco que não tem nada além de si mesmo como riqueza²⁶.

Contudo, esses males tanto no aspecto teológico quanto no aspecto logoterapêutico podem ser “curados” (integrados/assimilados) com um “remédio” (atitude existencial) chamado autotranscendência. Vivendo uma existência em saída, missionária, respondendo ao chamado de Deus, no caso da Teologia, ou respondendo ao chamado da vida, no caso da

²⁶Já é antiga essa compreensão humana de patologia relacional quando o amor é voltado somente para si mesmo e nada além disso. O mundo grego criou o mito de Narciso para mostrar a forma insuficiente do agir humano em relação ao amor “ego”ista como uma referência para a existência. Vale a pena descrever tal cena:

“Havia uma fonte clara, cuja água parecia de prata ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Debruçou-se para desalutar-se, viu a própria imagem refletida na fonte e pensou que fosse algum belo espírito das águas que ali vivesse. Ficou olhando com admiração para os olhos brilhantes, para os cabelos anelados como os de Baco ou de Apolo, o rosto oval, o pescoço de marfim, os lábios entreabertos e o aspecto saudável e animado do conjunto. Apaixonou-se por si mesmo. Baixou os lábios, para dar um beijo e mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem. Esta fugiu com o contato, mas voltou um momento depois, renovando a fascinação. Narciso não pôde mais conter-se. Esqueceu-se de todo da idéia de alimento ou repouso, enquanto se debruçava sobre a fonte, para contemplar a própria imagem. “Por que me desprezas, belo ser?” perguntou ao suposto espírito – “Meu rosto não pode causar-te repugnância. As ninfas me amam e tu mesmo não pareces olhar-me com indiferença. Quando estendendo os braços, fazes o mesmo, e sorris quando te sorrio, e respondes com acenos aos meus acenos”. Suas lágrimas caíram na água, turbando a imagem. E, ao vê-la partir. Narciso exclamou: “Fica, peço-te! Deixa-me, pelo menos, olhar-te, já que não posso tocar-te”. Com estas palavras, e muitas outras semelhantes, aticava a chama que o consumia, e, assim, pouco a pouco, foi perdendo as cores, o vigor e a beleza. que antes tanto encantara a ninfa Eco. Esta se mantinha perto dele, contudo, e, quando Narciso gritava: “Ai, ai”, ela respondia com as mesmas palavras. O jovem, depauperado, morreu”. (Bulfinchi, 2002, p. 125)

Logoterapia. Seja como for, em ambas as realidades a existência de “êxodo-de-si” não é facultativo, mas obrigatório.

Paradoxalmente, quanto mais se deixa, mais se tem de si; quanto mais se gasta, mais se possui; quanto mais se perde, mais se ganha; “há mais realização existencial em ofertar, do que em receber”²⁷. Lembre-se do personagem bíblico supracitado, Jonas, na medida em que se arrepende e se converte ao caminho do Senhor, não só ele conserva a própria vida, mas, por seu trabalho e esforço de colaboração, é capaz de salvar uma cidade inteira da destruição e da morte (Jonas, 3 – Bíblia de Jerusalém).

O mesmo acontece na ciência logoterapêutica. Seu viés terapêutico consiste em renunciar a si mesmo para responder aos apelos da vida. Isso significa educar-se para sair do egoísmo e da falsa concepção de autonomia absoluta²⁸. O objetivo é fazer o homem se adequar no mundo dado e real do qual ele é responsável para, com responsabilidade, responder aos apelos por sentido da vida. Eis a vida de dever, de missão, de sair de si para realizar algo para além de si mesmo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a trajetória percorrida e percebendo os conceitos, valores e exigências existenciais tanto da Teologia Bíblica quanto da Logoterapia, há de se concordar com Santo Tomás de Aquino que diz: “Deus é autor da natureza, logo, todas as verdades recebidas pela revelação divina não podem ser contrárias ao conhecimento natural” (Tomas, I,VII – Bíblia de

²⁷ Lembre-se da supracitada oração de São Francisco: “Ó Mestre, fazei que eu procure mais: consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado. Pois *é dando, que se recebe*. Perdoando, que se é perdoado e é morrendo, que se vive para a vida eterna!” In. <https://franciscanos.org.br/carisma/oracao-de-sao-francisco.html#gsc.tab=0>. Acesso em maio de 2024. Grifo do autor.

²⁸ “Concordo com Sartre, quando ele enfatiza: ‘Nós somos nossa escolha’, mas acrescentaria: ‘Dentro dos limites de nosso dado mundo’” (May, 1986, p, 16).

Jerusalém) . Isso aponta para o fato de que não existe contradição entre as conclusões da Teologia bíblica e as da Logoterapia. Essas ciências se reafirmam e se completam no que diz respeito aos valores existenciais eminentemente humanos.

Destarte, só é possível chegar à mesma conclusão por vias diferentes porque há uma busca honesta e prudente pela verdade. A verdade se apresenta ao homem de todo período e história uniformemente e impreterivelmente na realidade vivida. É na facticidade da vida- entre homem que busca a verdade e Deus que se revela- que existe essa interpelação entre teologia e ciência/logoterapia, sobre isso diz São João Paulo II:

A palavra de Deus destina-se a todo o homem, de qualquer época e lugar da terra; e o homem, por natureza, é filósofo. Por sua vez, a teologia, enquanto elaboração reflexiva e científica da compreensão da palavra divina à luz da fé, não pode deixar de recorrer às filosofias que vão surgindo ao longo da história, tanto para algumas das suas formas de proceder como para realizar funções mais específicas (FR. 64).

É plausível afirmar que a Revelação Divina mostra, pela Sagrada Escritura, a vontade de Deus objetiva e orientadora. Ela é fonte e sustento de tudo que existe, inclusive e, sobretudo, para a vida do homem (Tomás, I, V-VI). De modo semelhante, pode-se dizer que os dados empíricos da Logoterapia diagnosticaram na existência um clamor na vida para que o homem realize um sentido, um valor num ato de autotranscendência. Isso é claro, objetivo e exterior ao homem.

A mesma abordagem se aplica na compreensão do sofrimento tanto para aqueles que desobedecem a Deus -gerando pecado e morte- quanto àqueles que não respondem à vida - gerando frustração existencial e um vazio na vida. Evidenciado pela Teologia e Logoterapia, o contrário também é verdade. A obediência ao chamado de Deus (Teologia) ou ao chamado da

Vida (Logoterapia) vivendo uma vida em saída, numa existência missionária, torna o homem realizado existencialmente e pleno de vida.

É no mínimo razoável dizer que, no aspecto teológico, o homem foi criado para doar-se, sair-de-si, realizar uma missão à qual só a ele pertence e somente ele pode executar e mais ninguém. É viável também afirmar que, na dinâmica da Logoterapia, a composição antropológica, e se diz até ontológica, exige das ações do homem uma autotranscendência, ‘um se direcionar para algo além de si’, um agir respondendo aos apelos da exterioridade por valores e ações nobres.

Dessa maneira, tudo pressupõe que o segredo para uma vida feliz e reconciliada é viver não para si, mas viver num contínuo movimento de “saída-de-si” em direção a algo como comprova a Teologia e a Logoterapia. Viver num permanente estado de missão²⁹. Essa condição ontológica de “*missionariedade*” do homem é tão enraizada nas duas ciências que uma pessoa poderia chegar ao consultório de seu logoterapeuta ou na Igreja diante de seu líder religioso se queixando de sofrimentos e crises existências. Tanto o Logoterapeuta quanto o Religioso poderiam fazer a mesma pergunta reconciliatória e integrativa para seu paciente/fiel: “Conta-me, qual é a tua missão? (Jonas, 1,8 – Bíblia de Jerusalém) diga-me, qual é a causa que lhe exige “sair-de-si” para ir ao encontro de algo ou alguém?”³⁰.

²⁹ DGAE, Doc. 102, n.78-79. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023.

³⁰ Parafrazeando: “Diga-me, qual é o propósito da tua vida? Você está vivendo de acordo com ele?”.

REFERÊNCIAS

- Adler, A. (1945). *A Ciência da natureza humana*. Companhia Editora Nacional. São Paulo.
- Aquino, S. T. (2013). *Ente e essência*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Aquino, T. (1990). *Suma contra os gentios*. Porta Alegre: Livraria Sulina Editora.
- Bíblia de Jerusalém, (2002). Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas.
- Bulfinch, T. (2002). *O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis*. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), (2019-2024). *Diretrizes gerais da ação Evangelizadora da igreja no Brasil*.
- Descartes, R. (1987). *Discurso do método*. 4. Ed. São Paulo: Nova Cultural.
- Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano (1965). *Constituição pastoral “gaudium et spes” sobre a igreja no mundo atual*. São Paulo: Paulinas (Referenciado GS).
- Forte, B. (1995). *Teologia da história: Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus.
- Francisco (2013). *Carta encíclica evangeli gaudium do Santo Padre Francisco Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. 1ª Ed. São Paulo: Paulinas. (EG).
- Frankl, E.V. (1992). *A Presença ignorada de deus*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, E. V. (2011). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Frankl, E. V. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo: É Realizações.

- Frankl, E. V. (2019). O Sofrimento humano. Fundamentos antropológicos da psicoterapia. 1. Ed. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, E. V. (1989b). Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, E. V. (1990). Psicoterapia para todos. 1. Ed. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, E. V. (1989 a). Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo. Aparecida: Editora Santuário.
- Harrington, W. (1985). Chave para a bíblia. 5. Ed. Paulus: São Paulo.
- João Paulo II. (1998). Carta encíclica *fides et ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre Fé e Razão. 13. ed. São Paulo: Paulinas. (Referenciado FR).
- Jolibert, B. (2010). Sigmund freud. Recife: Massangana.
- Ladaria, L. (1998). O Deus vivo e verdadeiro, o mistério da trindade. 4 Ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Lautorelle, R. (1985). Teologia da revelação. 3. ed. São Paulo: Edições Paulinas.
- Ligório, S.A.M. (1913). Tratado da conformidade com a vontade de Deus. Trad. Rev. Padre Thomaz Hurst, Nytheroy: Escola Salesiana.
- Martins, B.S. (2024). A contribuição fenomenológica para a objetividade existencial do sentido na logoterapia de viktor frankl. Revista Iluminare. IFTG. Goiânia.
- Martins, B. S. (2021). O Conceito de supra sentido na logoterapia de viktor frankl: Uma abertura à teologia cristã. Filoteológica, Feira de Santana, v. 01, n. 2, p. 32-51, jul.-dez.
- <http://www.revistafiloteologicafcfs.educacao.ws/index.php/RFTCF/article/view/53>
- May, R. (1986). Psicologia existencial. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Globo.

Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento. (2007)/ Trad. Celso Eronides
Fernandes. - São Paulo : Ed. Academia Cristã Ltda; Paulus.

Pondé, L. F. (2001). O homem insuficiente: Comentários de antropologia pascaliana. São
Paulo: Edusp.

São Francisco (2024). <https://franciscanos.org.br/carisma/oracao-de-sao-francisco.html#gsc.tab=0>. Acesso em maio de 2024.

Wojtyla, K.J. (São João Paulo II). (2021). Teologia do corpo. Dois irmãos, RS: Minha
Biblioteca Católica.

